



A ESTATIZAÇÃO DO GÊNERO, O DISCURSO CONSERVADOR BOLSONARISTA E O MOVIMENTO SOCIAL LGBTQIAPN+

Hellen Maria Holanda Clemente¹
Romário Cícero da Silva Abreu²
Vitória Régia Caldas da Silva³

RESUMO

Este artigo objetiva refletir acerca dos discursos conservadores bolsonaristas sobre as questões de gênero e a tentativa de proibição do debate a respeito da temática nas escolas no período de 2018 a 2022, contrapondo-o a partir das respostas emitidas pelo movimento LGBTQIAPN+. A partir de duas perspectivas distintas, são elas: 1- conservadorismo, 2- movimentos sociais. A primeira perspectiva, a conservadora, entende o gênero como sendo exclusivamente binário (masculino/feminino), macho e fêmea, determinado pelo plano biológico e instituído pelas normas sociais tradicionalmente patriarcais. Na segunda, os movimentos sociais em especial, o LGBTQIAPN+, que objetiva reconhecimento identitário, equidade de condições e superação de paradigmas conservadoristas. Tais problemáticas serão pensadas a partir do pensamento de Foucault (2008), Althusser (1980), Scott (1985), Butler (2013a-2013b) e Louro (2003a-2003b), alicerçadas nas categorias “constituição do sujeito”, “governamentalidade” e “discurso”, com a ideia de “gênero como construção social”. A pesquisa se caracteriza como qualitativa de cunho bibliográfico, partindo da reflexão acerca dos discursos conservadores bolsonaristas produzidos nos últimos anos e veiculados em diversos meios oficiais/digitais, localizados em pronunciamentos oficiais, discursos emitidos em cerimônias, em redes sociais, documentos e nos mais variados momentos de arguição do até então presidente da república e seus correligionários, através de levantamentos feitos via internet.

Palavras-chave: Discurso, Gênero, Governamentalidade, Movimentos Sociais.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva refletir acerca dos discursos conservadores bolsonaristas sobre as questões de gênero e a tentativa de proibição do debate a respeito da temática nas escolas no período de 2018 a 2022, contrapondo-o a partir das respostas emitidas pelo movimento dos/das Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias- LGBTQIAPN+, a partir de duas perspectivas distintas, são elas 1- conservadorismo, 2- movimentos sociais.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, coautora1: hellencllemente@hotmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, autor principal: romariocicerio2019.1@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, coautora2: Vitoria182017@gmail.com.



A primeira perspectiva, a conservadora, entende o gênero como sendo exclusivamente binário (masculino/feminino), macho e fêmea, determinado pelo plano biológico e instituído pelas normas sociais tradicionalmente patriarcais. Na segunda, os movimentos sociais em especial o LGBTQIAPN+, objetiva reconhecimento identitário, equidade de condições e superação de paradigmas conservadoristas. O ponto de articulação entre ambos? A escola, o discurso e o debate ideológico palco das mais ríspidas e importantes batalhas político-ideológicas atuais na sociedade brasileira.

Tais problemáticas serão pensadas a partir da análise do discurso de Michel Foucault, alicerçadas nas categorias “constituição do sujeito”, “governamentalidade” e “discurso”, como também em Guacira Lopes Louro com a ideia de “gênero como construção social”.

Ao compreender a escola e o que ela pratica (educação) como condição *sine qua non* para a constituição e conservação/ transformação da sociedade, é neste palanque que entendemos ser o lócus da disputa acerca do conceito e das construções/conservações dos gêneros, pois como afirma Aranha (1994, p. 18).

A educação é, portanto, fundamental para a socialização do homem e sua humanização. Trata-se de um processo que dura a vida toda e não se restringe à mera continuidade da tradição, pois supõe a possibilidade de rupturas, pelas quais a cultura se renova e o homem faz a história.

Ao abarcar continuidades e rupturas, é que este processo de constituição do sujeito enquanto ser social permite pensamentos ambíguos e concepções contrários acerca de um mesmo objeto. É nessa fenda, que refletiremos tais questões educacionais, políticas, ideológicas e sociais na atualidade educacional brasileira.

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como de revisão de literatura, partindo da análise de estudos anteriormente produzidos na área de história da educação acerca do homem pedagogo e do gênero masculino na docência e no curso de Pedagogia ao longo dos tempos. Se caracterizada como uma investigação qualitativa de cunho bibliográfico, a partir de obras que podem ser localizadas nas bibliotecas setoriais das universidades, repositórios de universidades, google acadêmico, em plataformas digitais e físicas.

No primeiro momento se realizou um levantamento na tentativa de localizar produções/discursos/notas oficiais/documentos condizentes com a temática em investigação, desse modo, pretendeu-se obter as produções que de iriam compor a base empírica da pesquisa. Que nas palavras de Severino (2007, p. 122), a pesquisa bibliográfica se constitui de:



[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos

O segundo passo foi realizar a compilação e em seguida a leitura panorâmica de todos os dados localizados. O terceiro e último momento, foi analisar os discursos contidos nos trabalhos e construir uma reflexão político, teórica e histórica sobre os mesmos.

A REIFICAÇÃO DO GÊNERO A PARTIR DO DISCURSO CONSERVADOR BOLSONARISTA

Após sucessivos governos de esquerda, onde o PT (partido dos trabalhadores) conseguiu eleger Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, reeleger em 2006, realizar sua sucessão em 2010 com Dilma Rousseff e reeleger-la em 2014, o Brasil sofreria com o impeachment da então atual presidente 2 anos depois em 31 de agosto de 2016, assumindo então a presidência do país, o vice presidente a época Michel Temer.

O golpe de estado legitimado pela imprensa e apoiado pela bancada conservadora no congresso, levaria o país após 16 anos de governo progressista, a eleição de um presidente de extrema direita, Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL) e a total mudança de perspectiva político administrativa da nação brasileira, nesse novo contexto que se apresentava, os programas e movimentos sociais, a educação, a saúde e os mais diversos modos de ser, estar e existir no mundo, foram os mais afetados pelos discursos do até então novo governo, adota-se aqui por discurso, o entendimento de Foucault (1960, p. 43).

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

É esse instrumento de análise, que permite compreender os discursos que definiram a história de um determinado local em um espaço-tempo específico, que serão vistos e descritos os enunciados que compuseram os discursos bolsonaristas sobre os gêneros.

Segundo o Dicionário online de língua portuguesa reificar significa, enxergar algo abstrato como concreto; coisificar: operar a reificação (coisificação) é transformar algo abstrato em algo real, reificar uma ideia ou pensamento. É ficar completamente imóvel, parado, estático. No discurso do então presidente Jair Messias Bolsonaro, em 30/03/2022, a discussão sobre gênero é:



Uma questão muito importante para todos nós: quase todo mundo aqui tem filhos e netos. E nós queremos que nossos filhos e netos sigam a linha das nossas famílias. Que deles seja afastado da sala de aula a ideologia de gênero. Não podemos admitir que não se nasce homem ou mulher e se decida o sexo lá na frente. Isso é inadmissível. Isso não pode ser aceito por qualquer um de nós

Neste curto trecho da fala do presidente em seu pronunciamento, é possível enxergar a linha de raciocínio e o posicionamento político-ideológico do seu governo frente as diversidades. Quando o mesmo afirma “queremos que nossos filhos e netos sigam a linha das nossas famílias”, significa padronizar a performatividade identitária, sexual e de gênero das crianças segundo características tradicionais do patriarcado e da heterossexualidade.

Ao prosseguir o discurso afirmando que “deles seja afastado da sala de aula a ideologia de gênero” o mandatário admite interferir na instituição escolar a ponto de tentar impedir que discursões sobre diversidade, identidade e constituição dos sujeitos, sejam pautas da agenda educacional brasileira e consequentemente das instituições educativas públicas.

Na conclusão da fala, Bolsonaro diz que “não podemos admitir que não se nasce homem ou mulher e se decida o sexo lá na frente. Isso é inadmissível. Isso não pode ser aceito por qualquer um de nós”, tal discurso coisifica, reifica, objetifica e estatiza o gênero, transformando-o numa “coisa” fatalista, determinada pelo biológico e a cultura heterossexualista da sociedade, desconsiderando a construção social dos mesmos, no sentido de modificações de padrões sociais estabelecidos e a inclusão de grupos diversos no seio da sociedade.

O MOVIMENTO SOCIAL LGBTQIAPN+ E AS RESPOSTAS A REIFICAÇÃO DO GÊNERO PROVOCADA PELO CONSERVADORISMO BOLSONARISTA

Constantemente atacados pelo discurso preconceituoso, misógino e violento de Bolsonaro (PSL), os vários movimentos sociais que englobam a sigla LGBTQIAPN+ são compostos pelos movimentos Lésbico, Gay, Bissexual, Transgênero, Não-binário, Gênero fluido, Queer, Intersexual, Agênero, Andrógino, Assexual, Pansexual, Crossdresser, Drag Queen/King, Cisgênero e etc.

Estes por sua vez reagiram de maneira contundente através meios de comunicação e das redes sociais, em resposta aos constantes desrespeitos advindos do governante maior do país, um dos principais embates discursivos se deu em volta do que Jair Messias Bolsonaro convencionou chamar de “KIT GAY”.

Ainda em campanha eleitoral, no dia 28 de agosto de 2018, Jair Bolsonaro ao ser entrevistado pela bancada do Jornal Nacional da Rede Globo-RJ, afirmou que “nas escolas brasileiras, estão sendo distribuídos “KIT GAY” para nossas crianças” e que o produto, seria



fruto de iniciativas esquerdistas dos governos anteriores, que apoiavam a causa homoafetiva no país.

Em resposta o movimento LGBTQIAPN+, publicou no dia (29) do mesmo mês, no dia seguinte a declaração do então candidato, um nota oficial em que acusa, Jair Bolsonaro, de mentir em entrevista concedida ao Jornal Nacional na terça-feira (28). A organização também enviou um ofício ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e ao Ministério Público Eleitoral (MPE) solicitando as providências cabíveis, e enviou notificação à Rede Globo pedindo direito de resposta.

A nota emitida pelo movimento, continha 3 tópicos principais, são eles: Bolsonaro mentiu nos seguintes momentos: 1) ao mostrar um livro de educação sexual para adolescentes, dizendo que se tratava de material didático para crianças; 2) ao falar na existência de um “KIT GAY”; e 3) ao dizer que foi realizado um seminário LGBT infantil no Congresso Nacional em 2009 [na verdade, o candidato disse “novembro de 2010”]. Mais do que a data do evento, eles contestam que o encontro promovido na Câmara tivesse como foco crianças trans ou homossexuais.

O material que o então candidato denominou “KIT GAY” é na verdade um recurso pedagógico elaborado pelo Projeto “Escola sem Homofobia”, oriundo do próprio Ministério da Educação (MEC) que tinha como objetivo combater o preconceito e a discriminação de gênero nas escolas brasileiras. Ainda de acordo com a Aliança LGBTQIAPN+ (2018) “Tratava-se de um conjunto de instrumentos didático-pedagógicos que visavam à desconstrução de imagens estereotipadas sobre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais [...]”.

Prosseguindo os ataques, Bolsonaro afirmou existir o que ele denominou de “9º Seminário LGBT Infantil” um evento direcionado apenas a esse público e que enviesava as crianças a serem homoafetivas. Como de praxe, novamente o mandatário foi confrontado com os fatos da realidade que ele insiste em negar e deturpar. Tal evento citado pelo então candidato, é parte do projeto “escola se homofobia” realizado pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias e a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, a fim de debater no interior das instituições de ensino do Brasil a temática “Respeito à Diversidade se Aprende na Infância: Sexualidade, Papéis de Gênero e Educação na Infância e na Adolescência”.

GOVERNAMENTALIDADE, DISCURSO E OS GÊNEROS NA ESCOLA, O NEGACIONISMO E O PRECONCEITO BOLSONARISTA.

Para extrapolar a ideia de que as falas/discursos proferidos por Bolsonaro são frutos apenas de sua ignorância, misoginia, preconceito, discriminação e negação do outro, da vida e



das possibilidades múltiplas desta. É necessário atentar que por trás dessa atuação negacionista, existe uma ideologia, um plano de governo, uma ideia de sociedade homogenia e excludente dos “diferentes”.

Ao se referir a ideologia Althusser (1970, p.85). afirma que:

as representações ideológicas podem conter elementos de conhecimento, mas estão, sempre, integradas e submetidas a um conjunto de sistemas e representações, que é necessariamente um sistema orientado e falseado, um sistema dominado pela falsa concepção de mundo

Baseado na sua ilusória ideologia de homogeneidade, invisibilizadora das diversidades e falseadora da realidade, Jair Bolsonaro profere enunciados, produz discursos e tenta impor uma “governamentalidade educacional conservadora” na agenda educativa brasileira. Por governamentalidade o filósofo francês Foucault (2008, p. 143-144), entende como sendo:

[...] conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros- soberania, disciplina- e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma serie de aparelhos específicos de governo [e por outro lado], o desenvolvimento de toda uma serie de saberes. Enfim, por “governamentalidade” creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pela qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco “governamentalizado”.

É por meio da tentativa de aparelhar ideologicamente a escola, que o então mandatário brasileiro, tenta instituir “sua própria” governamentalidade, assujeitar os sujeitos, reger suas condutas e determinar sua existência através de uma ideologia pautada num discurso determinista dos sujeitos, orientados para determinações ao invés de possibilidades.

Ao se referir ao gênero Scott (1995, p. 72) apud Louro (1997, p. 18). Diz que é necessário "rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual", elas desejam acentuar, através da linguagem, "o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo". Já Robert Connell (1995, p. 189) apud Louro (1997, p. 18), prossegue afirmando que "no gênero, a prática social se dirige aos corpos". O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico".

Já nas palavras da própria Louro (1997, p. 19):

Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos



Ao proferir tais afirmações acerca dos gêneros e de todas as comunidades e sujeitos que compõe esse campo de estudos, modos de vida e constitui seus sujeitos a partir de suas práticas sociais, Bolsonaro insiste em desconsiderar toda a historicidade desses sujeitos e tenta impor através de um discurso conservador, uma condição estática e homogenia de existência e atuação dos sujeitos no mundo.

Por discurso Foucault (1960, p. 135-136) entende que:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...)

É nessa perspectiva de que o discurso forma, constitui, é parte compositora do sujeito do qual fala, que a direita brasileira na figura de um governante conservador, tenta impor uma condição de (sub) existência as diversidades de gênero existentes. E ao tentar podar os galhos de liberdade presentes na “arvore da educação brasileira” e transformar as escolas em um ambiente “neutro e livre de questões ideológicas”, o governo a transforma em um aparelho ideológico reprodutor do Estado como afirma Althusser (1980, p. 20-22).

[...] ensina também as “regras” dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão social [...] deve observar, [...] diremos que a reprodução [...] exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida [...] uma reprodução da capacidade de manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão.

É reprimindo e reproduzindo uma visão histórica preconceituosa, estática, conservadora e patriarcal, através do cerceamento da liberdade que pressupõe o ato de educar, que o atual governo tenta impingir nos mais diversos grupos sociais o seu assujeitamento, termo esse cunhado por Foucault.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivou-se analisar o discurso do então candidato e atualmente ex-presidente Jair Messias Bolsonaro acerca dos gêneros, ao mesmo tempo, evidenciar as respostas dadas a essas falas pelas organizações de grupos sociais que compõe a sigla LGBTQIAPN+ nos mais diversos meios de divulgação on-line, utilizando como instrumento a análise do discurso na acepção de Michel Foucault, operando através das categorias “constituição do sujeito”, “governamentalidade”, “discurso”, reificação”, “gênero como construção social”.

No que tange à escolha de tais categorias de análise, isso se deu por conta do aporte teórico utilizado para analisar as falas/enunciados/discursos dos sujeitos e dos movimentos



sociais envolvidos, como também buscou-se utilizar de ferramentas metodológicas que oportunizassem alcançar o objetivo aqui proposto, tendo em vista a complexidade teórica, política e ideológica que compõe tais narrativas, sua descrição e análise através de categorias conceituais diversas.

Os discursos aqui analisados dizem respeito ao recorte temporal da candidatura do atual ex-presidente no ano de 2018, se estendendo até a conclusão de seu mandato, em dezembro de 2022. Esses sendo encontrados em pronunciamentos, entrevistas, notas oficiais e posts em redes sociais do próprio governo, como também pessoais do então candidato e das entidades sociais que se contrapuseram a tais afirmações.

Tal análise, possibilitou chegar ao entendimento de que apesar de se utilizar de mecanismos de poder midiático e institucionais, para tentar negar o lugar conquistado por grupos diversos na sociedade atual e trabalhar incessantemente para estabelecer numa sociedade em constante transformação características estáticas e conservadoras, o então candidato e agora ex-presidente, conseguiu apenas repúdio a suas falas e a perda (se é que um dia teve) do apreço de grande parte da população do país, sejam essas pessoas, participantes do movimento aqui citado LGBTQIAPN+ ou apenas cidadãos entendedores da importância da diversidade para manutenção da vida, do respeito ao próximo e da humanidade em nós (ainda) existente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da educação**. 2ªed., São Paulo: Moderna, 1994.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

AMOS, K. **Governança e governamentalidade: relação e relevância de dois conceitos científico-sociais proeminentes na educação comparada**.
<https://www.scielo.br/j/ep/a/tH6GmSLkMdnvDtWV6VDYdTm/?lang=pt> Acesso em: 30 de dezembro 2021.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013a.

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b. p. 151-172

DICIO, O. **Dicionário online de Português**. Disponível em <https://www.dicio.com.br/> Acesso em 09 de janeiro de 2023.



FOCO, C. **Movimento LGBTI acusa Bolsonaro de mentir no JN e pede direito de resposta.** Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/movimento-lgbti-acusa-bolsonaro-de-mentir-no-jn-e-pede-direito-de-resposta/> Acesso em: 5 de janeiro de 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURO, G. L. A emergência do “gênero” In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003a. p. 14-36.

LOURO, G. L. A construção escolar das diferenças. In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003b. p. 57-87

LYRA, R. P. **Ideologia: conceitos e características.** Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/ideologia-conceito-e-caracteristicas/>. Acesso em: 7 de janeiro de 2023.

SILVA, J. S. da; SILVA, D. P. M. da. **O “papel” da educação enquanto aparelho de estado no processo de reprodução das relações de produção.** Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD_SA4_ID11174_14082019222126.pdf. Acesso em: 1º de janeiro de 2023.